

Monitores do 2º grau entram em cena

Adriana Baumgratz

Da equipe do Correio

Na próxima semana, um grupo de 600 alunos do 2º grau da rede pública de ensino do Distrito Federal inicia a primeira experiência no mercado de trabalho. Cada um dos monitores do programa Escola em Casa receberá uma bolsa de trabalho no valor R\$ 65 (provenientes do Instituto Candango de Solidariedade) e em troca ajudará colegas do ensino fundamental (1ª à 8ª série) que tenham dificuldades em matérias específicas.

Desde ontem participando do processo de capacitação, esses adolescentes com idades entre 15 e 18 anos estarão recebendo até sexta-feira, dia 6, treinamento como dinâmicas de grupo, socialização e relações humanas, além de aprender como tirar dúvidas dos colegas.

O projeto-piloto funciona inicialmente até dezembro. Abrange as regionais de ensino do Guará, Brazlândia, Paranoá e Ceilândia. No Guará, a capacitação ocorre no Centro Interscolar I, com 103 monitores. A regional de Brazlândia recebeu 468 inscrições de alunos. Desse total, 100 deverão ser escolhidos. No entanto, a coordenadora do Escola em Casa, Débora Ferreira Cúgula, estuda a possibilidade do remanejamento de vagas, em função da demanda. No Paranoá, 90 alunos participam do treinamento. Em Ceilândia, as atividades se iniciam hoje, com 266 monitores. Cada aluno selecionado terá uma carga horária de 10 horas/aula semanais na escola, atendendo, diariamente, cinco estudantes.

Débora Camila Gomes Brasil, aluna da 3ª série do 2º grau do Centro Educacional II, do Guará, foi uma

das selecionadas pela regional de ensino. A experiência em ministrar aulas particulares gratuitas para os colegas começou cedo. Desde a 7ª série, a adolescente reúne grupos de alunos em casa, onde, pacientemente, ajuda na solução de problemas de matemática. Em épocas de prova, o telefone de casa não pára. Fascinada por números, Débora confessa que nunca quis ser professora - vai tentar uma das vagas do curso de Engenharia de Rede de Comunicações na UnB - mas gosta de ensinar.

O colega Raffael Mendes Nunes, da 2ª série, também. Tem o costume de reunir um grupo de alunos nos períodos de provas, para repassar o conteúdo e avaliar o desempenho de cada um. O resultado, diz, é que a maioria consegue notas excelentes nos testes. "Quando estudamos jun-

tos, quem faz as provas geralmente tira 9 ou 9,5", garante.

Já Benhur Alencar Azevedo contou com o apoio da mãe na hora de se inscrever para o programa. Ele tem boas notas em matemática e história e espera contribuir para o bom desempenho dos colegas nas duas horas diárias de monitoria. Com o primeiro salário, Benhur pretende comprar um novo violão.

Jaqueleine de Mendonça Oliveira acha que o programa será uma oportunidade de fazer amigos e, em sala de aula, falar a mesma língua dos adolescentes. "Será um trabalho que não vai me cansar. Nos entendemos bem. Os dois lados vão sair ganhando", diz. Jaqueleine tem o costume de estudar em equipe e consegue bom desempenho em matérias como português, química, geografia e filosofia.